

Winnicott e o morrer-vivo

Maria do Carmo Andrade Palhares, Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Regina Celi Bastos Lima, Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

RESUMO A pergunta feita por Winnicott – “Sobre o que versa a vida”? – norteia o desenvolvimento do texto. No seu livro *Natureza Humana*, ele afirma: “A vida de uma pessoa consiste num intervalo entre dois estados de não vivo”, portanto, entre dois não. Esta afirmativa coloca em pauta o “não estar vivo” que antecede o nascimento e o “não estar vivo” que sucede a morte – dois momentos irrepresentáveis da existência humana. Nesse percurso, vigora a escrita do tempo no corpo e na vida psíquica considerando a transitoriedade do viver. Colocamos em trânsito um self criativo que a partir de seu gesto espontâneo, singular, toma como parte de si o tempo, o espaço, o mundo, sedimentando as experiências vividas em direção ao sentido último – “morrer-vivo” e, desta forma, indo ao encontro da compreensão de Winnicott quando diz: “Oh God! May I be alive when I die”.

PALAVRAS-CHAVE não estar vivo; ontologia; apropriação de si; transitoriedade; morrer-vivo

A morte no mundo contemporâneo e o fantasma da morte em instituições médico-hospitalares

Carla Penna, Psicanalista do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-RJ. Membro efetivo da Group Analytic Society London/International. Ex-presidente da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio de Janeiro – SPAG-E. Rio e da Associação Brasileira de Psicoterapia de Grupo – ABPG

RESUMO O artigo discute os desafios do trabalho de orientação psicanalítica em instituições médico-hospitalares explorando as mudanças em torno das visões sobre a morte no mundo contemporâneo ocidental, relacionando-as à criação de culturas inconscientes e defesas erigidas em torno do medo da morte e do medo do aniquilamento nessas instituições. Apresenta ainda o relato de um grupo analítico conduzido em uma enfermaria de cardiologia de um hospital geral, introduzindo a discussão sobre a existência de uma “matriz fantasma”, presente não apenas no grupo em questão, mas também em *settings* hospitalares.

PALAVRAS-CHAVE morte; instituições médico-hospitalares; psicologia médica; psicoterapia analítica de grupo; matriz fantasma

Esperança e fanatismo na clínica psicanalítica

Marlene Rozenberg, Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Rahel Boraks, Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

RESUMO A esperança, elemento imprescindível na vida, se estabelece enquanto desdobramento das primeiríssimas relações mãe-bebê, ou seja, a partir da primeira fusão, estado unitário dois em um, que se expande e se transforma em relações de confiança e esperança com o mundo. Estados de esperança e temporalidade são interdependentes. Se esta fusão inicial não se mantém ou não se estabelece, os desdobramentos da falta do apego primeiro podem resultar em alucinação da esperança, o que corresponde ao estado fanático da mente. Este estado fanático diz respeito a uma rigidez e a um congelamento que impedem qualquer transformação psíquica e se manifesta através de violência dogmática. Este trabalho busca destacar estes percursos e suas diversas derivações neuróticas, psicóticas e fanáticas ilustradas com casos clínicos.

PALAVRAS-CHAVE área fanática; clínica; esperança; objeto fusional; subjetivação; temporalidade

A matriz da mente e a magia da palavra: o eu-corpo, sua linguagem e sua transformação simbólica

José Francisco da Gama e Silva, Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

RESUMO Este texto tem como objetivo estudar os modos como certos pacientes, por meio da comunicação verbal e não verbal, geram no campo intersubjetivo situações penosas que concedem acesso aos primórdios da mente. O corpo/mente do analista é o lugar onde essas ansiedades arcaicas são alojadas pelo processo da identificação projetiva. Acolhendo-as, o analista pode transformá-las em imagens sensoriais, visuais, sinestésicas e, finalmente, em linguagem articulada. Dessa forma, algo que é quase sensorio e somático transforma-se, por intermediação da palavra, em marca mnêmica adequada à formação dos pensamentos, reforçando-se, assim, as fundações do Eu.

PALAVRAS-CHAVE O Eu-corpo; corpo/mente; comunicação não verbal, pré-verbal; ansiedades arcaicas; função de contenção do analista

Dizendo adeus ao divã

Miriam Fichman Faingulernt, Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Maria Cristina Reis Amendoeira, Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO O trabalho aborda o tema do envelhecimento do psicanalista. Esta questão encoraja uma reflexão profunda acerca do momento propício para o afastamento do trabalho analítico. Torna-se difícil o abandono de papéis com intensa significação narcísica. Esse afastamento, portanto, pode ter um caráter de desastre. Aqui, o divã vazio é considerado símbolo de finitude, a fim de processar o luto de um possível afastamento.

O tempo de envelhecimento não chega apenas para o paciente, no divã, pois o analista, do outro lado, também envelhece. Saberá o psicanalista aplicar a capacidade analítica a si mesmo nesse momento da vida?

PALAVRAS-CHAVE envelhecimento; envelhecimento do psicanalista; finitude

Desenlaces contemporâneos: um estudo sobre o amor e a frustração amorosa

Alessandro Melo Bacchini, Psicólogo, mestre em Psicologia Clínica e Social – UFPA. Doutorando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pesquisador associado do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS/PUC-Rio. Bolsista Capes.

Junia de Vilhena, Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro-CPRJ. Doutora em Psicologia Clínica. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS da PUC-Rio.

Igor Frances, Psicólogo, mestre em Psicologia pela UFPA. Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, pesquisador Associado do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS/PUC-Rio. Bolsista Capes.

Joana de Vilhena Novaes, Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC-Rio e Pós-Doutorado em Psicologia Social pela UERJ e em Psicologia Médica pela UERJ. Professora do Programa de Mestrado Profissional e Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida.

RESUMO O que resta ao sujeito em face de uma contemporaneidade em que a lógica consumista é enaltecida em detrimento de grandes enredos que antes figuravam como referência? Quando o tema do amor se apresenta atravessado por discursos da chamada “sociedade de consumo”, há que zelar para não reproduzir às cegas um discurso que insiste em alocar o amor unicamente no conjunto de uma relação objetual esvaziada de sentido. O artigo problematiza o tema do amor a partir da teoria psicanalítica para, em seguida, pensar nos possíveis lugares do desenlace manifestos pelo sujeito contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE amor; desenlace; clínica; cultura; contemporaneidade.

A transferência na supervisão psicanalítica

Fernando Rocha, Membro efetivo com funções didáticas plenas (credenciado para ministrar seminários clínicos e dar supervisão oficial) da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

RESUMO O autor destaca o momento em que se torna necessária a figura do supervisor na formação do analista, suscitada pelos múltiplos desafios com os quais se defronta o analista em formação. Apresenta um apanhado da história da supervisão, na qual, através do trajeto percorrido pelo candidato nas análises supervisionadas, se é levado a falar tanto da supervisão quanto da instituição que produz ou não “o analista”. Discrimina o papel do supervisor, aqueles desempenhados pelo professor e pelo analista. O supervisor, em analogia com o mestre Zen, é situado pelo autor como aquele que conduzirá o

supervisando a se despojar de todas as fórmulas, constatando que cada paciente será sempre uma surpresa.

PALAVRAS-CHAVE transferência; supervisão; supervisor; formação do analista

A importância do modelo relacional em psicanálise para uma abordagem do trauma e da regressão

Solange Serrano Fuchs, Psicanalista. Membro associado da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle.

Carlos Augusto Peixoto Júnior, Psicanalista. Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio.

RESUMO A proposta deste artigo é analisar algumas contribuições feitas pelos teóricos das relações objetais precoces relativas às temáticas do trauma e da regressão na situação analítica. Estas contribuições têm fomentado a reflexão atual em psicanálise e ajudado a ampliar a teoria a partir da investigação de fenômenos clínicos, alguns deles mencionados por Freud em suas elaborações mais próximas da clínica, mas desenvolvidos posteriormente por estes autores. Destacamos as contribuições de Winnicott e Balint, dentre outros, que a partir das reformulações propostas por Ferenczi, decorrentes de sua prática com pacientes graves, ampliaram o escopo teórico-clínico da psicanálise ao investigarem novas formas de intervenção terapêutica. Neste viés, a qualidade da relação objetal é reconhecida como central para os processos envolvidos na constituição do psiquismo e em diferentes formas de subjetivação.

PALAVRAS-CHAVE relações objetais; trauma; regressão terapêutica; dimensão Intersubjetiva

As principais tensões psicológicas presentes na prática assistencial hospitalar

Decio Tenenbaum, Médico psicanalista, membro efetivo, com funções didáticas, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), professor e supervisor do Centro de Medicina Psicossomática e Psicologia Médica do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (CMP), mestrando do Programa de Pós-graduação em Saúde e Tecnologia no Espaço Hospitalar do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Nébia Maria Almeida de Figueiredo, Professora titular, doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

RESUMO Este trabalho apresenta as conclusões da pesquisa “As principais tensões psicológicas presentes na prática assistencial hospitalar” do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Tecnologia no Espaço Hospitalar da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), que está registrada no Conselho de Ética em Pesquisa-Unirio-Conep com o nº 23559513.7.0000.5285. Pesquisa qualitativa, de caráter exploratório em estudo de casos, com uso da observação não participante através de entrevistas não estruturadas e na qual os dados coletados foram analisados pelo método hermenêutico-dialético proposto por Minayo (1992, 2002), empregando predominantemente, mas não exclusivamente, a hermenêutica psicanalítica. Como resultado, são apresentadas as principais tensões psicológicas

presentes na prática assistencial hospitalar, delimitadas as situações clínicas nas quais a ocorrência destas tensões é mais frequente e é oferecido um programa de capacitação para a preservação, o desenvolvimento e a recuperação da competência psicológica para o exercício da atividade assistencial e para a prevenção da iatropatogenia e da Síndrome de Burnout.

PALAVRAS-CHAVE psicologia médica; psicologia hospitalar; iatropatogenia, Síndrome de Burnout

Aspectos borderline da personalidade: o manejo dos estados mentais primitivos

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro, Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

RESUMO O artigo traz uma breve revisão do conceito “personalidade borderline” com ênfase em seus aspectos psicodinâmicos. Através do material clínico descrito, é proposto um modelo de trabalho no qual os vértices lúdico e estético da experiência emocional compartilhada favorecem acesso aos estados mentais primitivos da personalidade.

PALAVRAS-CHAVE atuação; clínica psicanalítica; estados mentais primitivos; enactment; personalidade borderline

Espaço potencial, população negra e sofrimento psíquico

Marco Antonio Chagas Guimarães, . Psicólogo, doutor em psicologia clínica PUC-Rio. Angela Baraf Podkameni, Psicóloga, PhD, psicanalista.

RESUMO Tomando o pensamento teórico-clínico de Donald Winnicott como base, em particular o conceito de Espaço Potencial, o trabalho mostra que a existência do racismo – que é estruturante das relações sociais e construtor de subjetividades – dirigido à população negra em nosso país promove sofrimento psíquico neste grupo de brasileiras e brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE Winnicott; espaço potencial; racismo; sofrimento psíquico
